

# COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO

Comunicação & Educação

ISSN: 0104-6829

comeduc@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Citelli, Adilson

Uma educação poética: João Cabral de Melo Neto

Comunicação & Educação, vol. 12, núm. 3, septiembre-diciembre, 2007, pp. 113-116

Universidade de São Paulo

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=743880415013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Uma educação poética: João Cabral de Melo Neto

Adilson Citelli

*Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes  
da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.*

*E-mail: citelli@uol.com.br*

*Para Maria Lourdes Motter*

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 9 de janeiro de 1929, e morreu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999. Seguiu carreira diplomática servindo em vários países. Ao lado de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, formou uma linhagem de poetas que imprimiriam marcas e ritmos diferenciados à poesia brasileira, dando-lhe destaque no contexto da produção literária do século XX.

Talvez com exceção de seu livro de estréia, a *Pedra do Sono*, de 1942, a obra de João Cabral caminhou para constituir um projeto literário singularizado pela precisão tanto das formas expressivas como dos ajustes temáticos dispostos na arquitetura geral do discurso poético. No livro *O Engenheiro*, de 1945, vêem-se as recorrências entre o fazer do poema e o processo de construção dos edifícios:

A luz, o sol, o ar livre  
envolvem o engenheiro.  
O engenheiro sonha coisas claras:  
superfícies, tênis, um copo de água.  
O lápis, o esquadro, o papel;  
o desenho, o projeto, o número:  
o engenheiro pensa o mundo justo,  
mundo que nenhum véu encobre [...].

E no quase manifesto sobre a realização do poema presente na obra de 1947, *Psicologia da Composição*, há um registro que se afasta do andamento confessional e requisita o tom mais reflexivo do leitor:

[...] Esta folha branca  
me proscreeve o sonho,  
me incita ao verso  
nítido e preciso.  
Eu me refugio  
nesta praia pura

onde nada existe  
em que a noite pouse.  
Como não há noite  
cessa toda fonte;  
como não há fonte  
cessa toda fuga;  
como não há fuga  
nada lembra o fluir  
de meu tempo, ao vento  
que nele sopra o tempo [...].

Em 1956 publica um dos seus textos mais conhecidos, *Morte e Vida Severina*:

O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos, que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria; [...] Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue que usamos  
tem pouca tinta [...].

Conquanto elaborado sob registro menos acabado formalmente, o poema (um auto) traz consigo enorme força humana e envolvimento social. Acompanhado da música de Chico Buarque, o texto de *Morte e Vida* ganhou nos anos 1965 representação teatral, permitindo, inclusive, que o grupo universitário do TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo), após apresentações em várias cidades brasileiras, conquistasse a cena internacional, com espetáculos no Festival de Nancy, no Théâtre des Nations, em Paris, e, posteriormente, em Lisboa, Coimbra e Porto. No Festival de Nancy, João Cabral ganhou o prêmio de melhor autor vivo do festival.

A produção inovadora de João Cabral de Melo Neto estendeu-se até o início dos anos 1990. Sua obra foi traduzida para o alemão, francês, inglês, espanhol, italiano e holandês.

A revista *Comunicação & Educação* publica aqui três textos de João Cabral de Melo Neto<sup>1</sup>, dois deles centrais na produção do poeta (*A Educação pela Pedra*, *Rios sem Discurso*) e um terceiro (*Ademir da Guia*) que homenageia o craque que desfilava elegância de bailarino diante da bola e dos adversários. Nesse caso, há que se notar o modo como o poeta infunde nas palavras e nos versos o ritmo e o movimento que conseguem recuperar a imagem e a leveza com que Ademir, o talentosíssimo *Admirável da Guia* – como o chamava Décio Pignatari – exercia seu ofício nos campos de futebol.

1. Poemas extraídos de: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

## **A educação pela pedra**

Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, freqüentá-la;  
captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
a de poética, sua carnadura concreta;  
a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições da pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
e se lecionasse, não ensinaria nada;  
lá não se aprende a pedra; lá a pedra,  
uma pedra de nascença, entranha a alma.

## **Rios sem discurso**

(A Gabino Alejandro Carriedo)  
Quando um rio corta, corta-se de vez  
o discurso-rio de água que ele fazia;  
cortado, a água se quebra em pedaços,  
em poços de água, em água paralítica.  
Em situação de poço, a água equivale  
a uma palavra em situação dicionária:  
isolada, estanque no poço dela mesma,  
e porque assim estanque, estancada;  
e mais: porque assim estancada, muda,  
e muda porque com nenhuma comunica,  
porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,  
chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água  
para refazer o fio antigo que o fez.  
Salvo a grandiloquência de uma cheia  
lhe impondo interina outra linguagem,  
um rio precisa de muita água em fios  
para que todos os poços se enfrasem:  
se reatando, de um para outro poço,  
em frases curtas, então frase e frase,  
até a sentença-rio do discurso único  
em que se tem voz a seca ele combate.

## Ademir da Guia

Ademir impõe com seu jogo  
o ritmo do chumbo (e o peso),  
da lesma, da câmara lenta,  
do homem dentro do pesadelo.

Ritmo líquido se infiltrando  
no adversário, grosso, de dentro,  
impondo-lhe o que ele deseja,  
mandando nele, apodrecendo-o

Ritmo morno, de andar na areia,  
de água doente de alagados,  
entorpecendo e então atando  
o mais irrequieto adversário.